

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA, POR MUSICOTERAPEUTAS E POR OUTROS PROFISSIONAIS, EM DINÂMICA DE PSICOTERAPIA COM GRUPOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

*André Brandalise*¹⁶

Página | 53

Resumo

O objetivo desta pesquisa é o de apresentar uma revisão sistemática da literatura acerca da utilização da música, por musicoterapeutas e por outros profissionais, em dinâmica de psicoterapia com grupos. Uma revisão qualitativa da literatura indica que a aplicação da música em dinâmica de psicoterapia com grupos parece ser eficiente no tratamento de diferentes populações e demandas.

Palavras-Chave: Música, Musicoterapia, Grupo, Psicoterapia

Abstract

The purpose of this research is to provide a systematic review of the literature on the use of music, done by music therapists and other professionals, in psychotherapy with groups. A qualitative review of the literature supports the application of music in group psychotherapy having an efficient potential to provide treatment for different populations and needs.

Keywords: Music, Music Therapy, Group, Psychotherapy

¹⁶ André Brandalise é bacharel em música (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Especialista em Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música, RJ), Mestre em Musicoterapia (New York University) e doutorando em Musicoterapia (Temple University). Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Kenneth Aigen (Temple University), como parte do Programa de PhD em Musicoterapia.

Introdução

Grupos têm sido utilizados como modalidades terapêuticas de diferentes maneiras, em diferentes *settings*, por diferentes profissionais e com diferentes objetivos. Historicamente, em 1966, somente dois anos após o início das publicações do *Journal of Music Therapy*, o psiquiatra Curt Boenheim¹⁷ escreveu sobre o uso da música como uma nova possibilidade em dinâmica de psicoterapia de grupo. Segundo este autor, o grupo é um meio que possibilita com que várias desordens mentais emerjam. Defendeu, na época, a utilização de uma nova modalidade de psicoterapia de grupo que chamou de terapia musical de grupo (*music group therapy*).

Para Boenheim¹⁸, a terapia que utiliza arte pode produzir resultados objetivos tais como a produção de um quadro o qual representa sentimentos internos que podem ser interpretados. Uma situação correspondente pode ocorrer em processo de musicoterapia: composições musicais criadas por pacientes. Liederman¹⁹ propõe uma dinâmica de grupo que chama de “terapia de grupo com utilização de técnicas de música e ritmo”, em geriatria. Este autor acredita que os ritmos do corpo são formas naturais de expressão do ser humano e, como tal, são respostas primitivas à música exigindo menor esforço intelectual consciente do que outras formas de expressão tais quais cantar e falar.

Butler²⁰ menciona a utilização terapêutica de canções com letras que se assemelham a condições psiquiátricas de determinados pacientes. Sugere que a letra da canção seja utilizada como uma base para que os pacientes possam interpretar e verbalizar com liberdade, projetando seus sentimentos à discussão. O autor acredita que a ansiedade e a dificuldade do início de um processo de grupo podem ser amenizadas através do canto.

Atividade ou experiência em dinâmica grupal com música (diferentes terminologias para o fenômeno de aplicação de música em grupos)

Boenheim²¹, psiquiatra que utilizou música com grupos na segunda década da prática da musicoterapia no mundo, comentou que depois de ter tido contato com a

¹⁷ p. 51.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ 1967, p. 126.

²⁰ 1966, p. 53.

²¹ 1966, p. 52.

literatura passou a acreditar que música não deveria ser restrita à terapia de atividades (*activity-based therapy*) uma vez que tratava-se um grande auxílio ao terapeuta no sentido de aproximá-lo à intimidade dos pacientes. O autor sugeriu, na época, que musicoterapeutas trabalhassem com grupos como co-psicoterapeutas de psiquiatras. Acreditava também que, para que o trabalho fosse eficiente, psiquiatras deviam ter algum conhecimento e interesse em música. Butler²², também psiquiatra, acrescentou: grupos de músico-psicoterapia deveriam ser coordenados por psiquiatras que tivessem interesse em musicoterapia.

Sete anos mais tarde, Ragland²³ expressava a ideia de que encontros em sessões de musicoterapia não deveriam mais ser chamados de “atividades”, mas de “experiências” porque, de acordo com a autora, uma atividade é definida como sendo “um estado ativo; uma função ou evento”. Ao invés desse entendimento, a autora propõe que a sessão seja entendida como um laboratório, um processo de aprendizado.

Autores contemporâneos desenvolveram pensamentos acerca da função e da utilização da música em grupos. Suzanne Hanser²⁴, musicoterapeuta, acredita que o musicoterapeuta que trabalha com grupos em psicoterapia deve focar a “qualidade” da resposta ao invés da “quantidade”.

Berger²⁵ amplia a utilização da música não somente para grupos compostos por pessoas com demência, mas também com os cuidadores, aliviando seus sofrimentos e estresses.

Objetivos da revisão sistemática

Os objetivos foram: 1) identificar pesquisas e trabalhos clínicos em músico-psicoterapia com grupos; 2) examinar como músico-psicoterapia está sendo utilizada com grupos; 3) verificar com quais populações músico-psicoterapia com grupos está sendo utilizada; 4) examinar tipos de resultados; 5) verificar qual a função que música está tendo no sentido de auxiliar dinâmica de grupo e progresso individual em músico-psicoterapia de grupo; 6) identificar tipos de intervenção musical que estão sendo utilizadas nesta modalidade terapêutica; 7) examinar como são realizadas escolhas musicais e com qual objetivos no trabalho terapêutico com grupos.

²² 1966, p. 53.

²³ 1973, p.194.

²⁴ 1984, p.14.

²⁵ 2004, p.224.

Método

(critérios de inclusão de estudos)

Tipos de estudos e participantes

Foram incluídos nesta revisão artigos sobre pesquisas e trabalhos clínicos que envolvem a utilização da música-terapia com grupos (processos grupais e grupos de auto-ajuda). No sentido de identificar se a abordagem utilizada foi psicoterapia a definição do musicoterapeuta Kenneth Bruscia acerca de música-terapia foi utilizada. De acordo com Bruscia²⁶, psicoterapia visa essencialmente auxiliar pessoas a realizar mudanças psicológicas, necessárias ou desejáveis, para adquirir bem estar (...) entre os objetivos prioritários está a promoção de uma maior consciência de si, resolução de conflitos internos, alívio emocional, auto-expressão, mudanças em emoções e atitudes, melhora de habilidades interpessoais, resolução de problemas interpessoais, desenvolvimento de relações saudáveis, tratamento de traumas emocionais, insight, orientação acerca da realidade, reestruturação cognitiva, mudança de comportamento, maior significação e satisfação na vida ou desenvolvimento espiritual (...). Psicoterapia é essencialmente um processo interpessoal. O tratamento ocorre com e através da relação terapeuta-paciente. Musicopsicoterapia é definida pelo uso de experiências musicais no lugar dos tradicionais tipos de discurso verbal....Musicopsicoterapia é o uso de experiências musicais no sentido de facilitar o processo interpessoal terapeuta-cliente bem como de facilitar processo de mudança (1998, p. 2).

Tipos de Intervenção

Todos os estudos que apresentaram o uso de música-terapia com grupos foram incluídos. Foram considerados estudos tendo a música aplicada por musicoterapeutas com formação acadêmica bem como por outros profissionais. Todas as formas de intervenções musicais foram incluídas e examinadas.

²⁶ 1998, p. 2.

Métodos de busca de estudos

A busca literária foi conduzida utilizando bases de dados computadorizadas MEDLINE, CINAHL e PsycInfo (via plataforma Ebsco, Temple University).

MEDLINE, CINAHL e PsycInfo

(estratégia de busca utilizando plataforma Ebsco):

1. (MH "Group Processes") OR (MH "Self-Help Groups") – detectou 21.222 artigos
2. (MH "Music Therapy") OR (MH "Music") – detectou 15.556 artigos
3. 1 AND 2 – detectou 54 artigos

Busca manual (handsearching):

Uma busca manual foi conduzida utilizando os seguintes periódicos:

1. Journal of Music Therapy (AMTA, de 1964 até o presente);
2. Nordic Journal of Music Therapy (de 1992 até o presente);
3. Music Therapy Perspectives (de 1982 até 2011);
4. The Arts in Psychotherapy (de 1980 até o presente).

Não houve restrição de idioma para busca e inclusão.

Coleta de dados e análise

Extração de dados

O autor da revisão extraiu dados dos estudos selecionados utilizando a seguinte forma:

Informação Geral: autor; ano da publicação; título; periódico (título, volume, páginas); se publicado, fonte; país; idioma.

Informação do processo: Design do Estudo (ou trabalho clínico).

Intervenção: tipo de intervenção (e.g. intervenção verbal, improvisação clínico-musical, uso da voz, canto, utilização de ritmos, audição musical); seleção musical (e.g. informação sobre seleção de música em se tratando de audição musical); preferências musicais (preferências do paciente versus escolha do pesquisador/terapeuta em se tratando de audição musical).

Informação sobre os participantes: tamanho da amostra, gênero, idade e diagnóstico.

Resultados

Resultados da busca

A busca foi capaz de identificar 67 artigos e examiná-los para inclusão. Vinte e quatro artigos preencheram os critérios de inclusão. Entre eles, algumas pesquisas apresentando dois ensaios clínicos randomizados, nove estudos qualitativos envolvendo entrevistas, dois *Experiential Single Cases* e um estudo misto quanti-quali (Tabela 2). Artigos demonstrando pesquisa e prática clínica, foram reportados entre 1966 e 2011 (ano médio: 1999). Os estudos foram publicados como artigos em periódicos e livros.

Estudos incluídos

Os artigos foram escritos por autores de diversas partes do mundo: Estados Unidos (12 estudos), Inglaterra (3 estudos), Austrália (3 estudos), Finlândia (2 estudos), Brasil (1 estudo), Coréia (1 estudo), Venezuela (1 estudo) e Alemanha (1 estudo). Os artigos apresentaram diversidade clínica (ou heterogeneidade clínica) variando tipos de intervenção e objetivos. Também variaram em termos de *design* de pesquisa caracterizando diversidade metodológica ou heterogeneidade metodológica (Tabela 2).

Efeitos da intervenção

A revisão sistemática demonstrou que, aparentemente, música associada à experiência de psicoterapia com grupos tem o potencial de promover impactos positivos tais como aumento de coesão grupal (AIGEN, 1997; ARNASON, 1998; NOCKER-RIBAUPIERRE, WOLFL, 2010), promoção de relação inter-pessoal entre adolescentes (AIGEN, 1997; KIM et al., 2006), apoio à pessoa com câncer (TOBIA, 1999), aumento de auto-conhecimento (AIGEN, 1997; NOCKER-RIBAUPIERRE, WOLFL, 2010), aumento de auto-expressão e tolerância (MURPHY, 1983; RAGLAND, 1973; AIGEN, 1997; TOBIA, 1999; SAKAI, MENGARDA, 2007), maior engajamento emocional e social (BAILEY, DAVIDSON, 2003), estímulo à liberdade e alívio (DAYKIN, McCLEAN, BUNT, 2007; SAKAI, MENGARDA, 2007), prazer e bem estar (AIGEN, 1997; ARNASON, 1998; SKEWES, 2001; SKINGLEY, BUNGAY, 2010), desenvolvimento de habilidades de auto-regulação e regulação afetiva (AIGEN, 1997; NOCKER-RIBAUPIERRE, WOLFL, 2010) e desenvolvimento de interação social (RAGLAND, 1973, AIGEN, 1997, KIM et al., 2006; SAKAI, MENGARDA, 2007; NOCKER-RIBAUPIERRE, WOLFL, 2010).

Tipos de intervenção musical com grupos de psicoterapia

Seis estudos utilizaram canções pré-compostas com grupos (BUTLER, 1966; MOE, ROESEN, RABEN, 2000; McFERRAN-SKEWES, 2005; GROCKE et al., 2009; CEVASCO, 2010), onze estudos propuseram o uso de improvisação musical (MURPHY, 1983; AIGEN, 1997; ARNASON, 1998; TOBIA et al., 2000; SKEWES, 2001; AHONEN-EERIKAINEN, 2002 and 2003; DAYKIN, McCLEAN, BUNT, 2007; GROCKE et al., 2009; CEVASCO, 2010; NOCKER-RIBAUPIERRE, WOLFL, 2010; ALBORNOZ, 2011), cinco estudos utilizaram o canto/coro (BAILEY, DAVIDSON, 2003; RIO, 2005; GROCKE et al., 2009; CEVASCO, 2010; SKINGLEY, BUNGAY, 2010), um estudo utilizou abordagem corporal unida a métodos recepetivos e re-criativos de musicoterapia (SAKAI, MENGARDA, 2007) e um estudo reportou a utilização das *marching bands* (ROTHBART, LEWIS., 2006). As experiências musicais mencionadas nos estudos foram: improvisação musical (criação musical espontânea, que ocorre no momento, baseada na resposta do cliente); o uso de canções pré-compostas; audição musical; o uso do corpo; o uso do coro e do canto comunitário. Onze estudos

reportaram a utilização de musicoterapia ativa (quando terapeuta e cliente cantam e/ou tocam juntos), cinco estudos mencionaram o uso de abordagens ativas e receptivas (audição musical), um estudo reportou a utilização de abordagens receptivas e re-criativas (re-criação de material pré-composto) e um estudo reportou a utilização de abordagem receptiva (Tabela 1). Somente um estudo reportou aspectos relacionados a eventos adversos e ética mencionando a importância de um ambiente protegido de interrupções externas no trabalho clínico (BUTLER, 1966).

Resultado secundário

Um estudo reportou um resultado secundário demonstrando que música aplicada à psicoterapia de grupo pode oferecer apoio a cuidadores e familiares da pessoa com câncer (TOBIA et al., 1999).

Tabela 1: Profissional ou equipe, tipo de abordagem e tipo de população atendida

Autor (es)	Profissional ou Equipe	Tipo de abordagem	População atendida
Boenheim (EUA, 1966)	Psiquiatra e musicoterapeuta	Psicoterapia	(não especificada)
Butler (EUA, 1966)	Psiquiatra e musicoterapeuta	Psicoterapia	Psiquiatria
Ragland (EUA, 1973)	—	Psicoterapia (MT ativa)	Psiquiatria
Murphy (EUA, 1983)	Musicoterapeuta	Psicoterapia	Abuso de substância
Aigen (EUA, 1997)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Adolescentes com transtorno de desenvolvimento
Arnason (EUA, 1998)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Trabalho com musicoterapeutas
Tobia et al. (EUA, 1999)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Mulheres com câncer
Moe, Roesen Raben (EUA, 2000)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT receptiva)	Hospital

Skewes Musicoterapeuta Psicoterapia Adolescentes
(Austrália, 2001)

Tabela 1 (cont.): Profissional ou equipe, tipo de abordagem e tipo de população atendida

Autor(es)	Profissional ou Equipe	Tipo de abordagem	População atendida
Ahonen-Eerikaine (Finlândia,2002)	Musicoterapeuta	Grupo analítico (MT ativa e receptiva)	(não especificada)
L'Etoile (EUA, 2002)	Musicoterapeuta	Psicoterapia	Adultos (saúde mental)
Ahonen-Eerikainen (Finlândia,2003)	Musicoterapeuta supervisor	Grupo analítico (supervisão) (MT ativa)	Musicoterapeutas (supervisionandos)
Bailey et al. (Inglaterra,2003)	Musicoterapeuta	Musicoterapia comunitária (MT ativa)	Homens sem-teto
McFerran-Skewes (Austrália,2005)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa e receptiva)	Adolescentes (dificuldades sociais e escolares)
Rio (EUA,2005)	Musicoterapeuta	Musicoterapia (MT ativa)	Homens sem-teto
Kim et al. (Coréia,2006)	Enfermeira e musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa e receptiva)	Adolescentes
Rothbart et al. (EUA, 2006)	Psicólogo	—	Adolescentes
Daykin, McClean, Bunt (England,2007)	Professor de arte e musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Pessoas com câncer
Sakai, Mengarda (Brasil, 2007)	Musicoterapeuta e Psicóloga	Psicoterapia (abordagem corporal receptiva e re-criativa)	Mulheres com sequelas de acidente vascular encefálico
Grocke et al. (Australia,2009)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa e receptiva)	Adultos (saúde mental)
Cevasco (EUA,2010)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa e receptiva)	Pessoas com Alzheimer

Nocker-Ribaupierre, Wolf (Alemanha, 2010)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Adolescentes (prevenção)
---	-----------------	-------------------------	--------------------------

Tabela 1 (cont.): Profissional ou equipe, tipo de abordagem e tipo de população atendida

Autor(es)	Profissional ou Equipe	Tipo de abordagem	População atendida
Skingley, Bungay (England,2010)	Enfermeira	Psicoterapia (MT ativa)	Terceira idade
Albornoz (Venezuela,2011)	Musicoterapeuta	Psicoterapia (MT ativa)	Drogadição (adultos e adolescentes)

Tabela 2: Tipos de Pesquisa e Resultados²⁷

Autor(es)	Paradigma e/ou	
	Design de Pesquisa	Resultados
Tobia et al. (1999)	Experiential Single Case N = 18	Música pode auxiliar pacientes e familiares a lidar com o câncer
Moe, Roesen, Raben (2000)	Estudo qualitativo N = 9	Musicoterapia pode ser um tratamento eficaz para grupo de pacientes esquizofrênicos em processos de longa duração
Bailey, Davidson (2003)	Estudo qualitativo N = 7	O canto em grupo parece promover efeitos terapêuticos que facilitam engajamento emocional e social
Rio (2005)	Estudo qualitativo N = 3	Musicoterapia parece promover uma significativa experiência terapêutica
Kim et al. (2006)	Experiential Single Case N = 35	Música é um meio que promoveu relações interpessoais entre adolescentes coreanas
Daykin, McClean, Bunt (2007)	Estudo qualitativo N = 23	Sessões de musicoterapia são descritas como energizantes promovendo noções de poder, liberdade e alívio

²⁷ Boenheim (1966), Butler (1966), Ragland (1973), Ahonen-Eerikainen (2002 e 2003), McFerran-Skewes (2005) e Sakai, Mengarda (2007) apresentaram trabalhos clínicos, logo, não foram citados na tabela 2. Nocker Ribaupierre, Wolf (2010) apresentaram projeto-piloto e, por isso, também não foram citados nesta tabela.

Grocke et al. (2009) Método misto (uso de escalas e entrevistas) $N = 29$ Musicoterapia promoveu alegria e prazer

Tabela 2 (cont.): Tipos de Pesquisa e Resultados

Autor (es)	Design de Pesquisa	Resultados
Cevasco (2010)	RCT ²⁸ $N = 18$	A maior participação grupal ocorreu quando o terapeuta utilizou música associada a afeto e à proximidade física
Skingley, Bungay (2010)	Estudo qualitativo $N = 17$	O processo gerou prazer e bem estar.
Albornoz (2011)	RCT $N = 24$	Significativa diferença entre grupos (pré e pós-teste) em depressão (HRSD) ²⁹ mas não em BDI ³⁰ . Improvisação em musicoterapia teve um efeito clínico significativo

Discussão

As heterogeneidades metodológicas e estatísticas não permitem conclusões definitivas acerca da eficiência da aplicação da música em grupos de psicoterapia. No entanto, o estudo apontou para uma evidência preliminar acerca de vários benefícios da música em trabalho de grupo para um variado número de indicações (populações e demandas terapêuticas). Estes achados devem ser confirmados em investigações com maior rigor metodológico.

Estudos claramente definiram tipos de música utilizadas e tipos de intervenção. A revisão demonstrou que existe uma variedade de abordagens de musicoterapia sendo utilizadas com grupos (receptivas e ativas).

Poucos autores mencionaram a importância da coesão em trabalho de grupo (BUTLER, 1966; RAGLAND, 1973, AIGEN, 1997; ARNASON, 1998). O estudo demonstrou que populações tais como as dos cuidadores e familiares têm sido apoiadas por música-psicoterapia de grupo. E isto é significativo, pois algumas condições afetam não somente o indivíduo doente mas o cuidador ou cuidadora (e.g. Alzheimer, Parkinson, câncer, AIDS etc.). Lidando com o estresse da família e do(a)

²⁸ RCT significa Randomized Controlled Trials (Ensaio clínico randomizado).

²⁹ HRSD significa Hamilton Rating Scale for Depression.

³⁰ BDI significa Beck Depression Inventory.

cuidador(a), música em dinâmica de grupo também alia-se à prevenção de futuras doenças.

Estudos foram claros em reportar tipos de grupos e também claros quanto às intervenções utilizadas, porém há uma falta de maior aprofundamento acerca da análise da dinâmica terapêutica e de sua eficiência nos resultados grupais e individuais (e.g. análise de liderança, funções, regras, normas, relações inter e intra-pessoais, etc.).

Referências

Ahonen-Eerikainen, Heidi. Group-analytic music therapy. **Nordic Journal of Music Therapy**, 11(1), 48-53, 2002.

Ahonen-Eerikainen, Heidi. Using group-analytic supervision approach when supervising music therapists. **Nordic Journal of Music Therapy**, 12(2), 173-182, 2003.

Aigen, Kenneth. **Here we are in music: One year with adolescent creative music therapy**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1997.

Albornoz, Yadira. The effects of group improvisational music therapy on depression in adolescents and adults with substance abuse: a randomized controlled trial. **Nordic Journal of Music Therapy**, 20(3), 208-224, 2011.

Arnason, Carolyn L. R. **The experience of music therapists in an improvisational therapy group**. Unpublished doctoral dissertation. New York, NY: New York University, 1998.

Bailey, Betty A.; Davidson, Jane W. Amateur group singing as a therapeutic instrument. **Nordic Journal of Music Therapy**, 12(1), 18-33, 2003.

Boenheim, Curt. Music and group psychotherapy. **Journal of Music Therapy**, III (2), 49-52, 1966.

Bruscia, Kenneth. **The dynamics of music psychotherapy**. Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998.

Butler, Becky. Music group psychotherapy. **Journal of Music Therapy**, III (2), 53-56, 1966.

Página | 65

Cevasco, Andrea M. Effects of therapist's non verbal behavior on participation and affect of individuals with Alzheimer's disease during group music therapy sessions. **Journal of Music Therapy**, XLVII (3), 282-299, 2010.

Daykin, Norma; McClean, Stuart; Bunt, Leslie. Creativity, identity and healing: participant's accounts of music therapy in cancer care. **Health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine**, 11(3), 349-370, 2007.

De L'etoile, Shannon K. The effectiveness of music therapy in group psychotherapy for adults with mental illness. **The Arts in Psychotherapy**, 29, 69-78, 2002.

Grocke, Denise. The effect of group music therapy on quality of life for participants living with a severe and enduring mental illness. **Journal of Music Therapy**, XLVI (2), 90-104, 2009.

Hanser, Suzanne B. Music group psychotherapy: an evaluation model. **Music Therapy Perspectives**, 1(4), 14-16, 1984.

Kim, Sunah; Kverno, Karan; Lee, Eun Mi; Park, Jeong Hwa; Lee, Hyun Hwa; Kim, Hyun Lye. Development of a music group psychotherapy intervention for the primary prevention of adjustment difficulties in Korean adolescent girls. **JCAPN**, 19(3), 103-111, 2006.

Liederman, Paul C. Music and rhythm group therapy for geriatric patients. **Journal of Music Therapy**, IV (4), 126-127, 1967.

McFerran-Skewes, Katrina. Using songs with groups of teenagers: how does it work? Social Works with Groups, **Nordic Journal of Music Therapy**, 27(2-3), 143-157, 2005.

Moe, Torben; Roesen, Anette; Raben, Hans. Restititional factors in group music therapy with psychiatric patients based on a modification of Guided Imagery and Music. **Nordic Journal of Music Therapy**, 9(2), 36-50, 2000.

Murphy, Marcia. Music therapy: A self-help group experience for substance abuse patients. **Music therapy**, 3(1), 52-62, 1983. Página | 66

Nocker-Ribaupierre; Wolf, Andrea. Music to counter violence: a preventive approach for working with adolescents in schools. **Nordic Journal of Music Therapy**, 19(2). 151-161, 2010.

Ragland, Zane S. Categorizing music therapy groups and session plans. **Journal of Music Therapy**, X (4), 194-200, 1973.

Rio, Robin. Adults in recovery: a year with members of the choirhouse. **Nordic Journal of Music Therapy**, 14(2), 107-119, 2005.

Rothbart, Myron; Lewis, Tiffany Li. Attitudes and beliefs in a marching band: stereotyping and accentuation in a favorable intergroup context. **European Journal of Social Psychology**, 36, 699-719, 2006.

Sakai, Fabiane A.; Mengarda, Edilsem. Processo grupal: Atuação interdisciplinar da musicoterapia e da psicologia com um grupo de mulheres com sequelas de acidente vascular encefálico. **Anais do IX Fórum Paranaense de Musicoterapia e VIII Encontro de Musicoterapia da FAP**. Curitiba, 2007.

Skingley, Ann; Bungay, Hilary. The silver song club project: singing to promote the health of older people. **British Journal of Community Nursing**, 15(3), 135-140, 2010.

Tobia, Danielle M.; Sharmos, Elaine F.; Harper, Diane M.; Walch, Susan E.; Currie, John L. The benefits of group music at the 1996 music weekend for women with cancer. **Journal of Cancer Education**, 14(2), 115-119, 1999.
